

SÉRGIO ABRANCHES

A Era do Imprevisto

A grande transição do século XXI



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Sérgio Abranches

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Thiago Lacaz

Preparação

Maria Fernanda Alvares

Revisão

Clara Diamant

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abranches, Sérgio

A Era do Imprevisto : a grande transição do século XXI / Sérgio
Abranches. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2877-8

1. Civilização – Século 21 2. Crises 3. Cultura e sociedade 4.
Paradigmas 5. Política econômica 6. Política social 7. Sociologia
política I. Título.

17-01530

CDD-301

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Sociologia

301

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Rodrigo, que me projeta no futuro que não verei.

*Para Míriam, minha companheira nos limites de onde
tentamos ver muito além de nós e das aparências.*

*Para Mariana, Daniel, Manuela e Isabel, que viverão nosso le-
gado, depois da transição, quatro adoráveis visões do futuro, com
quem Matheus e Vladimir, Flávia e Giselly generosamente me dei-
xaram desenvolver laços afetivos permanentes.*

*À memória de Zygmunt Bauman, o
mais completo e criativo pensador
da grande transição.*

[...] O único conselho útil nesta hora, por mais decepcionado que possas estar; conhece-te a ti mesmo, amigo, e adaptando-te aos duros fatos lança mão de novos modos.

Êsquilo, *Prometeu acorrentado*

Da beirada se pode ver todo tipo de coisa que não se pode ver do centro. Grandes coisas, inimagináveis — as pessoas na borda veem primeiro.

Kurt Vonnegut Jr., *Player Piano*

Uma nova geração está crescendo entre nós, uma geração alimentada por novas ideias e novos princípios. Isso é sério e entusiástico pois essas novas ideias e seu entusiasmo, mesmo quando mal direcionados, são, acredito, no fundo sinceros. Mas estamos vivendo um período cético e, se posso usar a expressão, de pensamento atormentado: e por vezes temo que a esta nova geração, educada ou hipereducada como seja, faltarão aquelas qualidades de humanidade, de hospitalidade, de humor cordial que pertencem a dias passados.

James Joyce, “Os mortos”, *Dublinenses*

A era em que estamos entrando agora, este século XXI, testará a alma de novos modos.

Susan Sontag, carta a Borges

Sumário

Para começar	11
O ensaio	19
Notas.....	389

Para começar

Quando escrevemos, contraímos muitas dívidas. São dívidas boas de contrair e de pagar. Elas vêm de uma economia solidária, recíproca e afetiva de trocas de ideias. Este livro vem sendo escrito há bastante tempo. As ideias que contém antecedem em muitos anos o início da escrita do texto. Tenho, portanto, felizmente, muitos credores. Ao longo dos últimos anos — e mesmo de algumas décadas —, em conversas francas, respeitosas das diferenças, ainda que por vezes acaloradas, fui formando meu sentimento do mundo. Embora as notas ao final do texto não sejam econômicas, nelas não faço referência a tudo que li, nem às pessoas de cuja conversa ou apoio me beneficieei, ao longo dessa sinuosa trilha de inquietações e busca intelectual.

Toda lista é arbitrária e imprecisa. Mas agradeço as numerosas oportunidades de intercâmbio rico e construtivo. Farei algumas exceções aos amigos que se alhearam da conversação por circunstâncias inelutáveis; por meio deles, estendo esse agradecimento a todos os demais. As ideias deste ensaio refletem preocupações que me ocupam desde a juventude, toda uma longa jornada de atavis-

mo, debates, conversas madrugadas adentro, leituras. Meus longos e intermináveis encontros com Márcio Moreira Alves foram sempre fraternos, estimulantes, irônicos e iluminados. Marcito tornava esses momentos de conversa tão azuis quanto seus sábados, quando escrevia sobre os avanços que identificava no meio da crise geral da civilização. Discutimos praticamente todas as questões tratadas neste ensaio e nunca deixei de me espantar com sua inteligência e ironia. Marcito foi nos deixando devagar.

A questão democrática e sua relatividade foram objeto de diálogos ricos e intensos com Guillermo O'Donnell, em nossa convivência no Rio de Janeiro e quando me abrigou como *senior visiting fellow* no Helen Kellog Institute for International Studies, da universidade de Notre Dame. Foi uma temporada proveitosa, que já vai longe no tempo. Lá escrevi o ensaio “Nem seres livres, nem cidadãos: o dilema político do indivíduo nas democracias liberais”, que retomei quase integralmente aqui. Ao me lembrar das conversas alongadas com amigos tão vários, cheias de momentos iluminados de troca e descoberta, tenho sempre a sensação inarredável de que ficaram inacabadas e, ao escrever estas páginas, volto a elas e lhes dou seguimento.

Entre aqueles que continuam na conversação, devo algumas palavras a Gláucio Soares, sempre incansável na busca de conhecimento socialmente relevante. Gláucio, mais que professor e orientador no meu mergulho inicial na sociologia política, foi e continua sendo um abridor de sendas para o conhecimento. É o paradigma do bom professor.

Marcos Sá Corrêa, de cuja mente brilhante sinto falta todo dia, leu a primeira versão deste texto, muito diferente da atual. Começamos a conversar sobre muitas das ideias que desenvolvo aqui há décadas. Foi ele que me instigou a escrever sobre a tragédia e daí nasceu boa parte da minha visão sobre o significado do trágico. Foram tantas as nossas conversas e, no entanto, tão pou-

cas. Hoje, por motivos inteiramente alheios às nossas vontades, faltam-nos as palavras de então.

Não foram só essas conversas, nem apenas as que tive com esses amigos, que me marcaram. Que a referência a eles expresse minha gratidão por todas as outras pessoas amigas, um componente fundamental do que faz da vida um privilégio singular, em lugar de uma simples imposição biológica.

Tive alunos brilhantes e tolerantes com minha experimentação com as ideias. Espero que tenham absorvido parte da minha inconformidade com os moldes e os formalismos. Muitos entenderam minha defesa da construção teórica como criação. A poesia dos conceitos, sempre acreditando que as ideias, como os versos, podem ajudar a transformar o mundo. Todos sabemos que não transformaremos o mundo sós e apenas com ideias. Como diz um personagem de Isaac Asimov, as grandes mudanças requerem o empenho das massas ou o amadurecimento de muitas décadas, às vezes séculos. Mas nossa poética terá valor se nossas ideias forem sinceras e, como grãos de semente de mostarda, se espalharem, sem esperar convencimento ou consenso, apenas reflexão. Com convicção e sinceridade moveremos montanhas. É uma velha sabedoria bíblica: “porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há de passar; e nada vos será impossível” (Mt 17,20). Espero que, estejam onde estiverem, de que lado estiverem, continuem acreditando que são capazes de mover montanhas, espalhando as sementes de suas ideias. Precisamos de um neoiluminismo, uma nova Reforma, por assim dizer, um Renascimento, para tornar o século XXI a ponte para a boa sociedade e o bom governo. E luzes há, por muita parte, em meio às brumas da grande transição.

É nas grandes transições que nosso poder de mudar o mun-

do aumenta. Com os padrões em aberto e as estruturas em fluxo podemos ousar orientar nossas ações e atitudes por novas ideias.

A troca afetiva e intensa de ideias tornou-se permanente e prazerosa no meu cotidiano, desde que passei a compartilhá-lo com Míriam Leitão. Temos pensado juntos, de forma intensa, solidária e amorosa, a tragédia e a ventura dessa travessia desconcertante e angustiante, em nosso país e no mundo. Temos caminhado pela borda, procurando dela não cair, tentando ver mais do que se pode ver do centro, como diz Kurt Vonnegut Jr. Temos buscado a nossa esquerda e a via para o futuro, parafraseando dois belos títulos recentes saídos da infatigável lucidez de Edgar Morin, *Ma gauche* e *La voie*. Nossa geração tem tatuado na alma o verso múltiplo de Drummond, “vai... ser gauche na vida”. Temos sido gauche, nos mais variados sentidos. Somos otimistas, sem nunca termos perdido a visão crítica. Continuamos a acreditar na liberdade, na fraternidade e na igualdade. Republicanos, democratas e inconformados. Sem a companhia de Míriam, duvido que este livro chegasse a ser escrito. Nela me amparei nas horas de angústia e perdição e com ela celebrei os momentos de descoberta e superação. Uma dívida que só se paga na mesma moeda, com plena e permanente reciprocidade.

Luciana Vilas-Boas acreditou neste livro desde o começo. Acreditou nele mais do que eu mesmo. Esperou pacientemente que eu me desentranhasse das dúvidas, que não formavam um cogito criador, mas um prolongado mergulho na incerteza sobre se e como escrevê-lo. Talvez a versão que ela formou do livro, em nossas conversas, seja diferente e, até, melhor do que o livro real. Como diz Schopenhauer, em se tratando de julgar coisas nossas, é melhor ter o conselho dos amigos. No caso, da amiga, uma relação que começou em outra encarnação de nossas carreiras e se consolidou no entrementes.

Este é um ensaio, não um estudo acadêmico. Procurei me afastar dos constrangimentos da forma acadêmica de apresentação das ideias. Em muitos casos, tenho visto a forma preceder ao conteúdo, sobrepor-se a ele. Quis, também, estar livre da obrigação de fazer a exposição sistemática das ideias e dos processos, como se sua compartimentação melhorasse a compreensão. Aqui, as reflexões misturam-se, entrelaçam-se, emergem, em vários momentos, associadas ora a um conjunto ora a outro conjunto de questões, como vem acontecendo em nossa própria vida. Há quem dirá “anárquico”, talvez seja assim mesmo. Há quem possa dizer “ecclético”, provavelmente sim. A sistematização em compartimentos “lógicos” ou “teóricos” dissimularia a natureza complexa, redundante, revoltosa, contraditória e incerta da transição e a quantidade de dúvida e tentativa que de fato há nesse intervalo da história em que vivemos. Não quero fazer parecer que a grande transição seja, para mim, mais inteligível e mais previsível do que ela de fato é, até por ser um entremeio, um interregno entre duas eras.

Não separei, nas minhas referências, a literatura de ficção da de não ficção. A primeira costuma aparecer nas análises políticas e sociais só como ilustração e, em geral, como epígrafe ou citação avulsa. Sobretudo quando se mergulha nas incertezas das transformações de grande alcance e amplitude, há entendimentos e insights vindos da experiência, do conhecimento, da reflexão, do gênio e da intuição de autores que recorrem à forma ficcional para expressá-los, que podem ajudar a iluminar essa busca de compreender esse entremeio no qual vivemos. Alguns autores, como Thomas Mann, recorreram à ficção e ao ensaio para desenvolver suas ideias. Confesso que, apesar da erudição e do conhecimento que ele demonstra em seus ensaios, suas ideias me parecem mais profundas e mais claras em seus romances. Como ocorre

também com Hermann Hesse. Em Camus e Sartre, há maior equilíbrio entre a ficção e a não ficção. Os ensaios de Milan Kundera rivalizam com sua literatura.

O gênero literário mais desprezado pelos ensaístas é o da ficção científica, que muitas vezes demonstra maior compreensão de tendências emergentes ou a emergir do que a literatura de não ficção, de base científica ou técnica. A literatura de ficção científica de Isaac Asimov, Arthur C. Clarke, George Orwell, Kurt Vonnegut Jr. ou Ursula K. Le Guin, para ficar em apenas algumas de minhas predileções, nos ensina mais sobre como olhar e entender o que o futuro pode nos reservar do que os livros de não ficção que tentam fazer previsões plausíveis sobre o futuro. Tentar prever ou desenhar de antemão os contornos do porvir, imaginando que ficarão no terreno das possibilidades do real, pode nos levar a erros muito maiores do que imaginar futuros nas possibilidades ilimitadas da ficção, que finge ser verdade a mistura de especulação e pura imaginação. Lembro-me que Carl Sagan, certa vez, em almoço no Faculty Club de Cornell, me disse que lia muitos manuscritos de autores de ficção científica, para verificar a plausibilidade de certas imaginações. Fazia sempre com deleite e corrigia o mínimo, para ajustá-las às possibilidades científicas, que ele interpretava com o máximo de amplitude, para não cercear a criatividade dos autores. Esse aproximar-se da verdade plausível por meio do imaginário, livre de autocensura, está muito mais ao alcance do ficcionista do que do estudioso acadêmico e, mesmo, do jornalista narrativo. Do resultado dessa liberdade do ficcionista, que nos fala da natureza humana ou que nos aponta futuros possíveis, é que me valho, quando me falta a visão analítica ou quando não há ainda o que observar e interpretar.

Como seres da transição, não temos as ferramentas para apreender o futuro à nossa frente, principalmente o que está além da linha do horizonte do visível. Ele se perde nas tramas do incer-